

<http://domtotal.com/noticia/1321536/2019/01/o-nascimento-de-jesus-e-a-morte-dos-lgbt/?fbclid=IwAR2iZB9QkXUbrmII9DxP7aaa466DtQV4qCanGhbltbpj2LKvvE0wOLzUM2g>

02/01/2019 | domtotal.com

O Nascimento de Jesus e a morte dos LGBT

Jesus veio revelar o rosto de Deus a todos os que o procuram: o de um pai bom que nos fez todos irmãos.



Plínio Henrique de Almeida Lima foi morto na Paulista. (Reprodução/ Arquivo pessoal)

Por Luís Corrêa Lima*

Neste Natal, eu vivi uma situação paradoxal. Concelebrei a missa do dia 25 de dezembro na Avenida Paulista, em São Paulo, onde 4 dias antes havia ocorrido um crime de ódio: o cabelereiro Plínio Henrique de Almeida Lima, de 30 anos, gay, foi morto a facada por motivo de homofobia. O agressor gritava “viadinho” e “seus gays, merecem morrer”. Naquela Avenida, a memória do nascimento de Jesus contrastava com a morte brutal de um homem gay. Que triste coincidência!

E há ainda outra coincidência. Dez dias antes do Natal, ouvi o depoimento dramático de uma jovem lésbica que morava com sua avó, uma homofóbica senhora. Ao descobrir a orientação sexual de sua neta, a avó disse: “preferia que você fosse puta em vez de sapatão”. Como resultado, em um dia de Natal, a jovem tentou suicídio tomando medicamentos. Mas foi hospitalizada a tempo e felizmente sobreviveu. Depois, chegou a ser expulsa de casa e viveu um longo tempo longe de seu lar. A estes dramas, somam-se muitas histórias de LGBT hostilizados por suas famílias, que passam as festas natalinas longe de seus parentes; ou mesmo próximos deles, mas ouvindo piadas homofóbicas ou transfóbicas, bem como outras formas de desprezo ou escárnio.

Bem que a mensagem natalina do papa Francisco teve um forte apelo inclusivo e reconciliador. Ele lembrou que Jesus veio revelar o rosto de Deus a todos os que o procuram: o de um pai bom que nos fez todos irmãos. As nossas diferenças não são um perigo, mas uma riqueza. Como no caso de um artista que deseja fazer um mosaico: é melhor ter à sua disposição ladrilhos de muitas cores do que de poucas cores. Que o Natal

nos faça redescobrir os laços de fraternidade que nos unem como seres humanos, ajudando a resolver diversos conflitos pelo mundo.

A vida de Jesus, no entanto, é marcada desde o início por fortes resistências e hostilidades de seus adversários. Nos relatos da sua infância, a notícia do seu nascimento perturbou o rei Herodes e toda Jerusalém. Este tenta matar Jesus, que com sua família irá se exilar no Egito. No Templo de Jerusalém, o velho Simeão diz a Maria que seu filho está destinado a ser sinal de contradição, causa de queda e reerguimento de muitos, a fim de serem revelados os pensamentos de muitos corações. E quanto a ela, uma espada lhe traspassaria a alma. De fato, a morte injusta e brutal de seu filho lhe golpeou duramente. Daí vem a devoção a Nossa Senhora das Dores, tão bem representada na *Pietà* de Michelangelo. A espada também está presente na execução dos santos inocentes, mortos em Belém por ordem de Herodes a fim de eliminar Jesus.

Ao longo da história, a espada faz inúmeras vítimas inocentes. No século XX, o povo judeu sofreu uma tragédia incomensurável que foi o Holocausto, com milhões de mortos. Esta tragédia só foi possível por causa de uma tradição multissecular de execração dos judeus, à qual se aliou o nazismo e sua doutrina racial. Na raiz das matanças está o discurso de ódio. O grande campo de extermínio nazista, Auschwitz, foi construído antes com palavras do que com pedras.

Há também uma tradição multissecular de execração dos LGBT, que cunhou diversos nomes e qualificativos pejorativos como sodomita, pederasta, invertido, degenerado, depravado e doente. A violência física contra esta população também é antecedida pelo discurso de ódio, que encoraja o agressor e devasta emocionalmente a vítima. O agressor empunha a espada e é o responsável direto pelo delito, mas o propagandista do ódio é corresponsável. Sem este não haveria aquele.

Nos relatos da infância de Jesus, lidos no tempo do Natal, se entrevê a sua morte injusta e brutal. Mas a morte não é a última palavra sobre a sua existência, que continua em Deus no mistério que chamamos ressurreição. Jesus crucificado é solidário com todos os crucificados da história, com todos os inocentes injustamente mortos. Eles são nossos irmãos, e Deus também é seu pai e autor da ressurreição.

Descanse em paz, Plínio, e que o Senhor nos livre de todo o ódio contra os LGBT.

*Luís Corrêa Lima é sacerdote jesuíta e professor do Departamento de Teologia da PUC-Rio. Trabalha com pesquisa sobre diversidade sexual e de gênero, e no acompanhamento espiritual de pessoas LGBT.